

O OPERÁRIO-EDUCANDO E O PERFIL DO EDUCADOR DA EJA¹

Gessica Maria Silva de Lima; Liliane Oliveira Lira; Eduardo Jorge Lopes da Silva.

*Universidade Federal da Paraíba- UFPB,
E-mail: gessicabolchath@hotmail.com
liliannelira@gmail.com*

*Departamento de Fundamentação da Educação/Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB
E-mail: eduardojorgels@gmail.com*

Resumo

O presente artigo objetivou analisar os discursos sobre o perfil de educadores para atuar na EJA, sob a ótica de operários-educandos da indústria da construção civil. Pesquisa de abordagem qualitativa teve como locus o Projeto Escola Zé Peão (PEZP), um projeto de extensão em parceria entre a Universidade Federal da Paraíba – Campus I/Centro de Educação e o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Civil, Pesada, Montagem e do Mobiliário de João Pessoa e Regiões (SINTRICOM). Os sujeitos da pesquisa foram educandos operários, na faixa etária acima de 30 anos. Metodologicamente foram realizados: o mapeamento do quantitativo de educandos operários, matriculados há, pelo menos dois anos, no PEZP; cinco entrevistas semiestruturadas, em duas salas de aula, de dois canteiros de obra diferentes, situados na cidade de João Pessoa-PB, entre os meses de setembro a outubro de 2016. As informações obtidas foram analisadas, segundo a perspectiva foucaultiana da Análise Arqueológica do Discurso (AAD). A AAD se refere a um modo específico de se conhecer como os homens têm produzido seu saber sobre os fenômenos, as coisas existentes no corpo social, a partir das práticas discursivas. Conforme assevera Foucault (2000, p. 25), a “análise arqueológica é a análise da maneira [...] pela qual os objetos são constituídos, os sujeitos se colocam, e os objetos se formam”. Nossas conclusões nos direcionam a buscar nos discursos destes operários-educandos, os enunciados nos levaram a determinados campos de saberes e discursos pedagógicos, a exemplo da Educação Popular e da Pedagogia Sociocultural, como alicerces para a formação de educadores populares para a Educação de Jovens e Adultos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Educador Popular, Discurso.

INTRODUÇÃO

Projeto Escola Zé Peão (PEZP) foi criado para escolarizar, em nível de alfabetização e pós-alfabetização de operários da indústria da construção civil de João Pessoa, no início da década de 1990, pelo grupo “Zé Pião”, quando assumiu a direção do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Civil, Pesada, Montagem e do Mobiliário de João Pessoa e Regiões (SINTRICOM) no final dos anos 1980. Percebendo que a maioria de operários era incapaz de ler um panfleto devido ao seu alto índice de analfabetismo, configurando, assim, uma grande muralha para obtenção de um sindicato democrático e

¹ Pesquisa financiada pelo Programa de Iniciação Científica CNPq/PIBIC/UFPB (2016-2017).

participativo, tais fatos levaram para negociação entre o sindicato dos trabalhadores e a classe patronal, para garantia do direito à educação básica desta categoria, por meio de implantação de salas de aula no próprio canteiro de obras, facilitando o acesso à escola, uma vez que os operários passam a semana em alojamentos no próprio ambiente de trabalho.

A educação é um direito de todo e qualquer pessoa, assegurada nos dispositivos legais do nosso país (Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases, nº 9.394/96. Art. 37, § 1º). Nessa direção há, portanto, a necessidade de se alargar o olhar sobre os educandos da EJA. Observá-los na “pluralidade de direitos”, reconhecendo como “sujeitos dos direitos humanos”. Esta formação discursiva direciona a questão presente no campo da formação de professores para esta modalidade de educação, ou seja, formação adequada para os que atuam ou irão atuar na EJA (RIBEIRO, 1999).

Para reforçar a questão do educando jovem e adulto e seu direito de educação e formação de professores qualificados, Arroyo (2005) defende que se devem levar em consideração as trajetórias sócio-formativas, para não dizer humana, destes mesmos educandos. Tais trajetórias constituem-se em um norte para as práticas discursivas repensarem a formação (inicial e continuada) do professor para esta modalidade de educação. Isto porque, historicamente, a EJA se enquadra no campo da luta por direito à educação, por trabalhar com educandos que possuem realidades de vida diversa. Assim sendo, a EJA não pode ser concebida fora do mundo concreto dos sujeitos. Mas, para isso, há algo imprescindível: a valorização do saber popular, como norte da formação do educador, discurso recorrente na perspectiva da Educação Popular.

A hipótese de nossa pesquisa parte do pressuposto de que os educandos jovens e adultos trabalhadores da construção civil possuem em seu discurso um perfil de educador popular para a modalidade, de modo que possa atender às suas necessidades formativas. Esta pesquisa teve como cenário o canteiro de obras da construção civil, os quais abrigam salas de aula do Projeto Escola Zé Peão (PEZP) o que facilita o acesso à escolarização dos operários. Os seus programas de ensino-aprendizagem são divididos em dois: a **Alfabetização na Primeira Laje** (APL), destinados àqueles que não são alfabetizados e **Tijolo Sobre Tijolo** (TST), voltado para aqueles que possuem certo de nível de escolarização. Há ainda outros quatro programas complementares à prática pedagógica do Projeto: 1) **Varanda Vídeo**; 2) **Biblioteca Volante**; 3) **Arte-educação**; e, por fim, 4) **Programa de Atividades Culturais**. Todos esses programas estão ligados por um ponto em comum, isto é, contribuir para a ampliação da visão de mundo desses educandos, bem como sua

aproximação com outros contextos socioculturais, dos quais não teve a oportunidade de acesso (SILVA, 2011).

A modalidade da educação básica neste cenário é a Educação de Jovens e Adultos (EJA), batizada pelo paradigma de Educação Popular (EP). Não são recentes as pesquisas tornando a EJA como objeto de estudo, bem como formação de profissionais para atuarem nesta modalidade da formação de educação básica nacional. Os educandos da EJA no PEPZ são formados por um contingente que vieram de uma situação de fracasso escolar, devido a suas trajetórias de vida, principalmente, por virem de uma preocupação e responsabilidade de vida adulta marcada por trabalho desde a infância. Uma parcela desses educandos carregam o estigma da subescolarização herdada por seus pais e avós. Alunos que com alto custo conseguem estar presente nas aulas em virtude do cansaço e de suas respectivas ações vivenciadas em escolas.

A Educação de Jovens e Adultos possui ao longo de sua história uma íntima ligação com os princípios que orientam a Educação Popular (EP). A EP é uma proposta de educação utilizada na prática educacional que valoriza o conhecimento prévio dos indivíduos e sua realidade para construção do saber. Este desenvolvimento por meio de EP implica um olhar crítico, pois estimula o diálogo e participação comunitária, possibilitando uma melhor leitura da realidade social e política.

A EJA, além de abranger o ensino, implica também numa ação reflexiva a qual leva em consideração as relações entre saberes populares e escolares. A Educação de Jovens e Adultos é algo mais amplo do que simplesmente ensino, pois “Não é uma coisa que se deposita nos homens, não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-los” (FREIRE, 1987, p. 38).

Na EJA preconizada por Paulo Freire, o aluno recebe uma educação para exercício da cidadania, utilizando-se dos conhecimentos adquiridos como instrumento político de libertação da condição ora vivida. É na apropriação do conhecimento que o indivíduo se transforma e passa a transformar também ao mundo em sua vida. Colaborando com Freire nessa dialética, faz-se necessário que o professor entenda que o saber popular do aluno é tão importante quanto os conteúdos que devem ser ensinados. Cabe ao educador fazer com que esses saberes superem o senso comum pelo senso crítico. A Educação Popular segundo Freire (2011, p.22).

Preocupada seriamente com a leitura crítica do mundo, não importa inclusive que as pessoas não façam ainda a leitura da palavra, [...] mesmo sem descuidar a preparação técnica profissional dos grupos populares, não aceita posição de neutralidade

política com que a ideologia modernizante reconhece ou entenda a educação de adultos.

É nesse sentido que a Educação de Jovens e Adultos deve estar em articulação com a proposta da Educação Popular, tão importante para a construção do sujeito. Com uma modalidade de educação que requer uma formação alicerçada no trabalho pedagógico escolar diferenciado, criativo, que respeite e considere as especificidades dessa modalidade.

Com a formação do professor que leva em consideração as experiências de vida dos sujeitos da EJA e, desse modo, a superação do professor que ensina, para construção dos professores que aprende, constrói, questiona, motiva e supera a prática rotineira, mecânica do seu ato pedagógico como nos diz Freire (1996), com superação da concepção “bancária de educação”. Com uma proposta educativa de valorização da experiência e da concepção de vida trazida pelos educandos, e seu papel na sociedade, como forma de fazê-los compreender a si mesmo como sujeitos de decisão. Entende assim que ensinar não é algo mecânico, mas uma troca de aprendizagem com uma educação reflexiva, libertadora e transformadora, que instigue a capacidade crítica. Com cidadão capaz de ler o mundo em seu contexto político e social com sujeitos autônomos capazes de construir seu saber através do conhecimento, tendo como base a experiência de vida.

O objetivo geral da pesquisa foi analisar o discurso dos operários-educandos, acima de 30 anos, do Projeto Escola Zé Peão, em processo de alfabetização, sobre o perfil de educador popular para atender às necessidades formativas desta categoria de alunos.

MATERIAIS E MÉTODOS

Dada à natureza do problema desta investigação, optamos por um estudo fundamentado na abordagem qualitativa da pesquisa em educação. Este tipo de pesquisa tem como uma de suas mais importantes características a produção (material e imaterial) dos seres humanos, ou seja, tudo aquilo que o humano é capaz de produzir, seja através de transformações sobre a natureza, seja a partir de suas ideias, de seus pensamentos e linguagens. A pesquisa qualitativa é muito mais oportuna para aquele tipo de investigação que tem no sujeito humano, e em suas práticas discursivas e não discursivas, o foco principal de suas análises. Este tipo de pesquisa procura centrar seu alvo no sujeito “[...] com toda sua complexidade, e na sua inserção e interação com o ambiente sociocultural e natural” (D’AMBROSIO, 2003, p. 103).

As informações coletadas foram analisadas, segundo a perspectiva foucaultiana de Análise Arqueológica do Discurso (AAD). Essa forma de abordagem se refere a um modo específico de se conhecer como os homens têm produzido seu saber sobre os fenômenos, as coisas existentes no corpo social, a partir das práticas discursivas. Conforme assevera Foucault (2000, p. 25), a “análise arqueológica é a análise da maneira [...] pela qual os objetos são constituídos, os sujeitos se colocam, e os objetos se formam”.

Para análise de discurso não nos limitamos aos signos linguísticos, mas identificamos de forma subjetiva a partir de análise das entrevistas, destacando enunciados partindo de uma análise do que foi externado pelo sujeito protagonista. O discurso externado está interligado, ou seja, não são coisas soltas e emerge de um lugar de luta, expressa relevância sobre o sujeito, seus anseios, suas lutas, discursos que formam analisados através de sua subjetividade. “A análise do discurso, mais do que desvelar a verdade dos sujeitos, busca repensar seus efeitos na construção do sujeito” (ALVES; PIZZI, 2014, p.81).

Analisar o discurso consiste em dar conta das relações do sujeito, suas práticas discursivas que desvelam a construção do sujeito. Mantemos a subjetividade mediante o efeito de verdade mantendo a dúvida e procurando a infinidade de enunciados existentes na pobreza que pode existir em determinados discursos. Considerando o enunciado em sua raridade, partimos de sua condição de existência subjetivando sem mergulhar em uma suposta interioridade de sujeito, mas dentro dos discursos de poder, questionar sua aparição, problematizar e localizar o seu efeito de verdade.

Realizamos entrevistas semiestruturadas com educandos operários da construção civil de João Pessoa, em processo de alfabetização e pós-alfabetização no Projeto Escola Zé Peão, nosso campo empírico de investigação. O critério de seleção dos sujeitos levou em consideração o tempo mínimo de 2 (dois) anos letivos como educando do referido projeto e o perfil etário acima dos 30 anos.

As entrevistas foram gravadas em aparelho digital; em seguida transcritas pela própria entrevistadora. O roteiro da entrevista foi elaborado tendo por base os objetivos descritos no projeto; foram elaboradas um total de 14 (quatorze) questões divididas em duas categorias: elementos de identificação dos sujeitos da pesquisa (nome, idade, nível de escolarização) e perguntas referentes a suas aulas e ao seu educador. Os entrevistados assinaram, em duas vias, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e tiveram suas identidades preservadas através de um pseudônimo sugerido pelo próprio entrevistado. Como parte de nossos procedimentos metodológicos, o presente projeto de pesquisa foi submetido ao

Conselho de ética da UFPB (CAAE: 56283216.1.0000.5188/Parecer 1.589.747), tendo obtido aprovação.

A pesquisa teve, ainda, como uma de suas etapas o mapeamento do quantitativo de alunos operários da construção civil, de dois canteiros de obras, o Mediterrânê e Econ. Esse mapeamento, bem como as entrevistas, ocorreram no segundo semestre de 2016. No canteiro Mediterrânê foi mapeado um quantitativo de sete (7) alunos acima de trinta (30) anos, e realizada quatro entrevistas. No canteiro Econ foram identificados (8) oito alunos acima de trinta (30) anos, e entrevistado apenas um (devido ao fato de os operários não terem, no mínimo, dois anos de PEZP, um dos critérios para a realização das entrevistas). Com computo geral, tivemos como dificuldade, em ambos os canteiros, encontrar quantidades de alunos-operários na faixa acima dos trinta anos e período de dois (2) anos no PEZP, tendo em vista uma parcela de alunos desistentes ou demitidos, ou ainda dispostos a colaborar com a entrevista.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os educandos da EJA no PEPZ são formados por um contingente que vieram de uma situação de fracasso escolar, devido a suas trajetórias de vida, principalmente, por virem de uma preocupação e responsabilidade de vida adulta marcada por trabalho desde a infância.

Segundo os entrevistados, o perfil ideal para ser um educador da EJA apresenta as seguintes características que implica um educador extrovertido que tenha afetividade, dispositivo imprescindível para o processo de ensino-aprendizagem na modalidade; educador que não faça distinções com exclusão ou seleção dos educandos, que apresentem características profissionais, tais como a paciência, estar atento para esclarecer as dúvidas e estimule o diálogo, frequência e participação dos educandos.

É de extrema importância que o educador crie vínculo afetivo com os educandos e que tenham um olhar crítico em suas práticas, tendo em vista o contexto histórico dos educandos do seu percurso educacional e dificuldades enfrentadas, nas quais muitos foram “obrigados” a trocar escola pelo trabalho, uma parcela desses educandos carregam o estigma da subescolarização herdada por seus pais e avós. Alunos que com alto custo conseguem estar presente nas aulas em ações vivenciadas em escolas, e o contexto atual de um dia exaustivo de trabalho, com educandos que anseiam por aulas sem conteúdo maçante e que o educador propicie uma metodologia que envolva os educandos com práticas

relacionadas à sua realidade educacional e social, oportunizando também a aprendizagem de conhecimentos científicos, com práticas sensíveis às questões humanas, as quais valorizem os saberes prévios, com temas pertencentes as suas experiências do mundo, afastando-se, assim, do modelo tradicional. Segundo Paulo Freire (2011, p. 21): “Não é possível a educadoras e educadores pensar apenas os procedimentos didáticos e os conteúdos a serem ensinados aos grupos populares. Os próprios conteúdos a serem ensinados não podem ser totalmente estranhos àquele cotidiano”.

Nesse sentido, o PEZP se baseia na proposta de inserir os alunos em um processo atuante de conhecimento crítico em torno da sociedade. A EJA fundamentada na perspectiva da EP para os operários da construção civil traz outras perspectivas de vida, induzindo e motivando os educandos a um conhecimento e visão do mundo críticos. A educação contextualizada é de total importância não somente para grupos de operários, mas para qualquer formação educacional, contra a proposta de uma educação bancária, o que exige do professor a capacidade de dominar, integrar e mobilizar saberes, enquanto condição para sua prática. A esse respeito, ressalta Paulo Freire (1996, p. 47):

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a ele ensinar e não a de transferir conhecimento.

Quando o professor começa a se adaptar com a profissão percebe que esse processo de transformação não é só dos sujeitos que está formando, mas também de si próprio, percebendo que ensinar não é algo mecânico, mas uma troca de aprendizagem, uma educação libertária que instiga a capacidade crítica e reflexiva do cidadão capaz de ler o mundo em seu contexto político econômico e social. Cada um traz consigo uma identidade construída ao longo da vida, nossa formação se dá com todo nosso convívio, no nosso cotidiano.

A partir de agora, descreveremos os enunciados presentes nos discursos dos operários-educandos. Nessa direção;

Marcos, em seu discurso, revela o enunciado que atribui a necessidade de educadores contextualizados com os direitos do trabalhador.

[...] Eu não sabia pronto... tem o tratamento que serve pra família, plano de saúde dental, antes não era divulgada essa informação, outra questão é da administração do meu salário através das aulas que consegui ter noção do que ganho e quanto gasto [...]. Marcos, 42 anos

Marcos esboça que seu educador prima por uma educação que busca fomentar visão crítica preconizada por Paulo Freire, uma educação que tem em sua prática a reflexão e socialização de seus direitos e deveres que questionem suas realidades na qual estão inseridos, bem como analisar suas transformações. Esta deve ser pautada no diálogo e na autonomia do educando, empregando conhecimentos através de tomada de decisão.

[...] As aulas são boas, fala do meio ambiente, sobre o trabalho, tudo mais, sobre a saúde, sobre o corpo humano [...]. Sócrates, 34 anos

O entrevistado Sócrates descreve, em seu discurso, o perfil do educador como um profissional antenado, reflexivo, esclarecedor e contextualizado. Nesse mesmo discurso, aponta temas geradores referentes à aula, entre eles, assuntos como meio ambiente, trabalho e saúde/corpo humano. Assim, constata-se um discurso pelo qual o perfil do educador tem a ver com sua metodologia, antenada com temas de interesse dos educandos, como: da saúde que se envolve com o seu dia a dia, relacionados ao uso dos Equipamentos de Proteção Individuais (EPI) e ao Equipamento de Proteção coletiva (EPC), ambos relacionados ao cotidiano do universo do trabalho dos operários-educandos.

Quando questionados o que deveria ter um professor do projeto para lecionar, os educandos fazem análises de sua educadora tendo como norte as professoras da primeira infância, fazendo, assim, uma correlação das práticas do educador do PEZP e deste primeiro professor. Diante disto, expressam o perfil do educador para atuar no PEZP para assim atender a suas necessidades.

[...] Minha professora é pessoa bacana, tenho nada pra falar dela não. Assim, simpática na hora de brincar, a gente brinca, na hora de estudar, a gente estuda né? Pessoa bacana [...]. Mendes, 31 anos

[...] No Zé Peão, só tem melhora e a pessoa se diverte! Tem dia que tem umas brincadeiras com a turma, professora vem com agrado pra dar a gente aí pronto... isso vai incentivando a pessoa ficar ali mais alegre [...]. Marcos, 42 anos

Subjetivamos que quando Mendes e Marcos fazem relação entre suas professoras expõem o perfil de uma educadora que foge do tradicionalismo, emergindo em uma pedagogia construtivista, com diálogo e afetividade para com os educandos com momentos de descontração em um ambiente de sala de aula, que carrega o estigma de um espaço educacional não convencional com suas especificidades, e que não sucumbe à seriedade do espaço, que tem regras a se seguir assim como a escola convencional. Essa postura afetiva

ajuda a construir um ambiente educativo favorável de conhecimento sem medo do educador.

Preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e ‘cinzento’ me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato do objetivo cognoscíveis que devo ensinar [...] A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético do meu dever de professor no exercício de minha autoridade. (FREIRE, 1996, p. 141)

Os educandos expressam que um educador para atuar no PEZP, tomando como norte a imagem do professor de sua infância. Explicitando o perfil, que seria aquele que esclarece as dúvidas, que explica. Identificam que o educador deve apresentar as seguintes características: Ser paciente com os educandos e com olhar crítico em suas práticas mediante as especificidades do sujeito que ensina; Ser atenciosa e que seja capaz de identificar o grau de dificuldades para atender às necessidades dos educandos; Ser capaz de reformular sua explicação, caso o educando não as assimile; Tirar suas dúvidas, levando em consideração seus conhecimentos prévios, explicando sem exclusão e seleção, ajudando em suas dificuldades; Ser extrovertida, com vínculo afetivo educador-educando.

Diante tais fatos apresentados, os discursos revelam achados presentes também no discurso acadêmico de como deve ser o perfil do educador, apresentando tais características citadas acima. Os educandos, quando questionados, apontam em seus discursos acontecimentos passados que refletem no presente, como o receio de encontrar um professor que se aproxime dos que deixam marcas em sua vida educacional. E, por serem educandos que vem de um dia trabalho exaustivo, a aula precisa ser descontraída, e a educadora paciente diante do contexto e realidade da vida dos educandos. Podemos observar nos depoimentos a seguir que são características simples, mas de grande relevância.

*[...] Pra mim o cara ter assim... uma dúvida... o professor tirar as dúvidas pra mim é bacana! O mau professor é assim... a pessoa ter uma dúvida, perguntar a ele sobre a dúvida e não poder explicar, né? [...]. **Mendes, 31 anos***

*[...] Ensinar a gente direitinho! Ensinar, ensinar, né? Explicar direito [...]. **Saulo, 54 anos***

*[...] a professora é boa, estou, gostando da aula, ela ensina direitinho à gente [...] E dá às explicações tudo certo... Escreve o dever pra gente e dar explicações. [...] O professor que não é bom, é que não sabe dar explicações direito [...]. **Silvanio, 45 anos***

*[...] A professora explica bem, ensina bem, passa os assuntos bem explicando[...]. **Sócrates, 34 anos***

Nessa direção, os enunciados acima tecem uma rede enunciativa com o que expressa Freire (1996, p. 86), isto é:

O fundamental é que professor e aluno saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e aluno se assumam epistemologicamente curiosos.

Assumindo a Educação Popular como princípio da educação pelo diálogo, com convivência afetiva educador-educando, baseando-se em uma pedagogia freireana, fundada na ética no respeito à dignidade e autonomia do educando, com instiga a uma postura curiosa, provocando-os a assumirem-se como sujeitos sócio-histórico e cultural no ato de conhecer e dialogar.

Dialogicidade somada à consciência crítica sobre as estruturas sociais que geram as desigualdades. É papel da educação e do educador contribuir com a formação dessa consciência para transformação dessas estruturas, com a valorização do diálogo como princípio educativo.

CONCLUSÃO

Em nossos achados de investigação, consideramos importante a reflexão diante do que foi proferido pelos operários-educandos em torno do perfil do educador, discurso que nos direcionam para um pensar pedagógico que oportunizam aos educadores a atender especificidades dos educandos, considerando suas trajetórias sócio-formativas, discurso que se relaciona com o de adultos que expressam frustrações, diante de antigos professores com desistência e dificuldades de frequentar a escola ainda na infância. Expondo também a ideia de qual perfil de educador almejam.

Concluimos nossa pesquisa diante dos discursos dos entrevistados, os quais nos remeteram a uma questão democrática, de cunho acadêmico e progressista, ligado no ponto da emancipação e participação do sujeito. O PEZP por atender alunos-operários da construção civil, que buscam de alguma forma uma educação de qualidade e que esta seja atrativa. Para tanto, necessitam estar interligadas com contexto de vida social dos educandos.

Nesse sentido, tendo como objetivo desta pesquisa apresentar análises diante o perfil do educador popular para atender às necessidades formativas desse contingente que implica um educador extrovertido e afetuoso, dispositivo imprescindível

para o processo de ensino-aprendizagem, educador que não faça distinções com exclusão ou seleção dos educandos e que estes apresentem características profissionais, tais como a paciência, estar atento para esclarecer as dúvidas, que estimule o diálogo. O interessante foi constatar a semelhança do discurso dos sujeitos entrevistados com o discurso acadêmico, uma vez que eles não tiveram contato com obras que abordam a questão aqui em estudo. Tal fato nos faz inferir que, independentemente dos sujeitos enunciadore, os discursos possuem uma dada formação discursiva, seja no campo dos saberes populares ou os de caráter acadêmico-científico.

Para tanto, cabe aos educadores buscar meios que possibilitem uma formação humana e desenvolva sua autonomia intelectual e moral. Dessa forma, através da dialogicidade, como o próprio Paulo Freire nos diz, torna-se imprescindível para que participem ativamente de sua formação, utilizando de metodologias, não só de conteúdos científicos, mas também do contexto sócio-histórico de seu alunado. Por isso, é necessário que o professor não se restrinja à sala de aula tradicional, mas que busque meios que ajudem a motivar seus alunos a persistirem, mesmo diante de tantas dificuldades e desafios.

Buscamos analisar o discurso dos sujeitos a partir de sua exterioridade, diante do que nos foi exposto, transmitido por adultos operários educandos entrevistados, que discursaram sobre si. Discurso que foi construído e legitimado através de processos históricos. Em suma, quanto ao educador para atuar na EJA, ratificam-se o diálogo, a atenção, a sensibilidade, as metodologias participativas e os conteúdos contextualizados como elementos que compõem o perfil necessário do docente para esta modalidade da educação básica nacional.

REFERÊNCIAS

ALVES; Julia Mayra Duarte; PIZZI; Laura Cristina Vieira: **Análise do discurso em Foucault e o papel dos enunciados**: pesquisar subjetividades nas escolas. Revista temas em educação. João Pessoa, V. 23, n.1, p. 81-94, jan.-jun. 2014.

ARROYO, Miguel. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade publica. In: SOARES, Leôncio; GIOVANTTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Ords) **Diálogos da educação de jovens e adultos**. Belo horizonte: Autêntica, 2005.

BRASIL, Ministério da educação/secretaria de educação continuada, alfabetização e diversidade. **Documento de base nacional preparatório ÀVI CONFINTEIA**. BRASÍLIA: MEC, Março de 2008. Disponível em<<http://forumeja.org.br/brasil>>. Acesso em 28 mar, 2008.

BRASIL. Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases. Seção V; Educação de Jovens e Adultos, 1996.

D' ABRÓSIO, Ubiratan. **Educação matemática: da teoria á pratica**. 10. Ed. Campinas/SP: Papirus, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução por Luiz Felipe Baeta Neves. 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no collège da França, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução por Laura Fraga de Almeida Sampaio. 6.ed. São Paulo: Loyola, 2000.

FREIRE; Paulo. **Educação de adultos: algumas reflexões**. In: GADOTTI, Moacir; ROMÃO, Jose Eustáquio (orgs). **Educação de jovens e adultos: teoria pratica e proposta**. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE; Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 34. ed. (coleção leitura)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido** 17. ed. Rio de janeiro, Paz e Terra, 1987.

SILVA; Eduardo Jorge Lopes da: **A Experiência do Projeto Escola Zé Peão na Formação de Professores Alfabetizadores Para Educação de Jovens e Adultos**. João Pessoa: editora da UFPB 2015.

SILVA, Eduardo Jorge Lopes da. **Prática discursiva de formação de professores alfabetizadores de jovens e adultos em uma experiência de educação popular**, 2011. 430 f. Tese (doutorado em educação) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

SILVA, Eduardo Jorge Lopes da: **A análise arqueológica do discurso em uma lente de pesquisa em educação**. Revista temas em educação. João Pessoa, V. 23, n.1, p.148-159, jan.-jun. 2014.

SILVA, Eduardo Jorge Lopes da. Everaldo Fernandes da: **Algumas impressões sobre a escola no imaginário popular**. Revista temas em educação, João Pessoa, v.18/19, n1/2, p. 204-219, jan-dez. 2009/2010.